

O AMOR À DIFERENÇA NO TRABALHO ENLAÇADO NO INTERIOR DE GRUPOS

CLÁUDIA ROSA RIOLFI

(Secretaria Municipal de Educação de Campinas)

*“le signifiant comme tel sert à comoter la différence
à l'état pur.”* (Lacan, J. 06/12/61 :56)

ABSTRACT

In this essay I have chosen an example taken out from my practice as a mother tongue teacher for future teachers to analyze the occurrence of difference inside groups. It aims to start a description of the necessary conditions to make the existence of singular written production that brings in itself its author style easier. Having the concept of identification as its main reference, this study is part of the psychoanalytic research tradition.

Significantes, os carregamos: em nosso corpo, em nossa história, em nossos preconceitos. Aliviarmo-nos do peso que eventualmente nos causam exige que os ressignifiquemos, ou seja, que os isolemos e os coloquemos numa nova discursividade. Por amor à clareza, segue um exemplo ilustrativo dessa operação de ressignificação, retirado do contexto da prática de formação do professor.

A escolha desse exemplo deve-se ao fato de tratar-se de experiência potente para dar a ver o instante relâmpago no qual uma passagem ocorre. As passagens, como sabemos, pululam nosso cotidiano na escola, mas, por sua fugacidade, tendem a ficar despercebidas. Trata-se de algo ocorrido, há dois anos, durante o desenrolar de uma disciplina de Comunicação e Expressão, ministrada por mim em um curso de Graduação em Educação Física e Motricidade Humana em uma Universidade Pública.

Estávamos fazendo um jogo, proposto por mim. As meninas, esta autora incluída, faziam um círculo, em pé, no meio da sala. Quando eu ia instruir os meninos sobre os procedimentos do jogo, notei trocas de olhares significativos entre eles e, mesmo, o início de uma movimentação. Pensei: vão aprontar alguma. Antes, porém, que eu tivesse me decidido sobre as vantagens de tentar conter o que estava por acontecer, cujo conteúdo, ademais, eu ignorava, um ritual já havia sido instalado: os vinte rapazes, braços fortemente unidos de maneira a formar uma roda que lembrava algumas danças folclóricas russas, nos aprisionaram em seu interior e iniciaram um movimento, simultaneamente em sentido horário e para dentro, sobre nós. Em paralelo a este movimento, cantavam aos berros:

¹ “O significante como tal serve para conotar a diferença em estado puro.” A tradução é minha.

Lá na floresta
tinha uma corujinha
de dia ela dormia
de noite ela fazia
tchu tchu tchu
tchu tchu tchu

A cada repetição, sempre terminada com saltos, o círculo se acirrava, deixando menos lugar para as meninas que, conseqüentemente, eram obrigadas a grudar-se umas nas outras. O equilíbrio dos corpos foi ficando mais e mais precário e, na última volta, querendo ou não, cada menina foi obrigada a saltar concomitantemente ao salto dos meninos, pois não havia mais espaço físico para que apoiássemos os pés.

Terminada a música, todos foram embora em silêncio. Pela primeira vez, não foi a professora quem encerrou a aula, ninguém se despediu, não se fizeram perguntas. Todos caminharam para fora lentamente, mudos, sem formar as habituais rodinhas de conversa. Perplexa, permaneci alguns instantes rindo muito, sozinha. Logo após, não resisti e fui até a cantina onde contava encontrá-los, na esperança de ouvir algum tipo de explicação para o ocorrido. O que não tardou, pois uma das meninas me interpelou: *como você se sente, tendo passado pelo ritual de inclusão de uma caloura no grupo?* Acrescentou, então, tratar-se de um procedimento que é sempre iniciativa de um grupo de veteranos que, por meio de sua realização, dá o sinal de ter aceitado em sua composição esta ou aquela caloura. Informou-me, ainda, que as meninas consideram uma honra o fato de ter passado por aquela inclusão.

Tendo obtido a explicação desejada, desta vez fui eu que me afastei em silêncio. Dentro de dois dias, no início da próxima aula, devolvi finalmente a pergunta para os meninos: “como vocês se sentem, após terem esmagado uma professora no tchu tchu?” Seguiu-se um pequeno tumulto, pois todos queriam falar ao mesmo tempo. Na disparidade das respostas, um traço em comum salientou-se: tratava-se de um fato inédito, pois nunca antes, uma professora havia sido incluída no grupo por meio do “tchu tchu”. Tendo admitido isso, divertiram-se, então, imaginando, entre gargalhadas, a reação violenta desta ou daquela professora. No meio da desordem, uma mesma frase foi repetida por muitas bocas, sem que ninguém percebesse que, de certo modo, portava um absurdo: “Professora, a senhora já imaginou que escândalo seria fazer tchu tchu com uma professora aqui da Federal?”

Estou pontuando o caráter aparente de absurdo desta frase pois, enquanto por um lado “Professora, a senhora”, modo de tratamento escolhido para se dirigir a mim, indicava, justamente, ter havido por parte dos alunos um reconhecimento de meu lugar institucional, por outro lado, o movimento de inclusão em um certo grupo (o das senhoras professoras), com o qual a se frase inicia, é uma espécie de logro, pois “Professora”, a senhora funciona no estatuto de nome próprio,² ou seja, serve para

² Estou usando a noção de *nome próprio* tal como é trabalhada em uma das muitas vertentes da Semântica. Cf. Ullman (1964) para um trabalho que, não obstante parta do reconhecimento de que, para um falante de uma língua materna, não há dificuldades especiais na tarefa de reconhecer um nome próprio, mostra que não é fácil para um estudioso da língua sistematizar os fundamentos sobre os quais tal reconhecimento se baseia. Na abordagem ligeira que caracteriza seu manual de Semântica, tenta sistematizar, através de uma

marcar a diferença daquela para quem o enunciado é dirigido de qualquer dos outros elementos de sua classe, agrupados sob a rubrica *uma professora*.

O segmento tem estatuto de nome próprio porque, tal como qualquer outro nome da língua corrente, considera as dimensões de espaço e de tempo, recortando nelas, mesmo na presença de vários sujeitos com nomes coincidentes, um único sujeito. Neste sentido, é que se afirma que é pelo nome próprio que podemos diferenciar um elemento de sua classe e, portanto, definir-lhe os contornos. Ou seja, a função primeira do nome próprio, que, em si, não significa nada, é distinguir um elemento de outros similares, operação esta que lhe confere existência. É este o mesmo mecanismo que está em jogo na interpelação “Professora, a senhora”.

Tal idéia fica mais clara quando consideramos que é senso comum que o lugar institucional reservado ao professor marca uma distância, um aviso de que se trata de uma relação assimétrica. Usar tal forma de tratamento, portanto, mostra que havia uma suposição por parte dos alunos de que não estavam falando com um de seus pares, e sim, dirigindo-se a uma certa forma sujeito específica: uma entre tantas senhoras professoras, mulheres casadas, mães de família, portadoras de um título de doutor, cidadãs, portanto, de quem se espera socialmente uma formação.

Tal suposição é apenas aparente, entretanto, pois a expressão “uma professora aqui da Federal” é usada para apontar alguém com quem não se pode fazer o “tchu tchu” e é justamente por isso que o enunciado, ao ser dito justamente para uma professora da Federal com quem se fez o “tchu tchu” sem que qualquer de seus enunciadores desse mostras de ter notado nisso qualquer estranheza, veicula a parcela de não-sentido que parasita os sentidos logicamente estabilizados na linguagem.

Penso ser possível afirmar que este não-sentido não foi percebido pelos seus diversos enunciadores porque aquilo que o seu enunciado prioritariamente veiculava era a distância percebida entre o uso designativo, o do nome próprio e o uso referencial do significante *professora*. O ritual do “tchu tchu”, ação realizada para, ao mesmo tempo, incluir e reconhecer a inclusão de um sujeito em um grupo, deu-se, portanto, no pleno reconhecimento da diferença entre os envolvidos e, mesmo, no reconhecimento da singularidade da envolvida principal, mesmo quando referida a sua classe.

É neste sentido que indiquei no início do texto que esta experiência dá a ver uma operação de resignificação de um significante, pois, neste caso específico, um ato (o ritual do “tchu tchu”) e um enunciado referido a ele, é justamente o conceito de professora que fica questionado, questionamento este que abre outras possibilidades de relação com aquela que, em sua diferença, foi aceita como um dos membros do grupo.

Promissor, sem dúvida, esse modo pouco vulgar de formação de grupos desses alunos, pois, ao invés de ser fundado no amor ao semelhante que, por sua vez, costuma ter como consequência a intolerância ao diferente, é fundado sobretudo numa valorização da singularidade.

O que é singular só é visível quando engastado num certo laço social através do qual possa haver reconhecimento de nossas diferenças. Tal reconhecimento implica em

retomada de autores que vêm trabalhando o tema desde o século II a.C., os critérios estabelecidos para a definição de um nome próprio, quais sejam: 1) a unicidade; 2) a identificação; 3) a designação contra a conotação; 4) o som distintivo; e, finalmente, 5) os critérios gramaticais.

reconhecer que é possível sustentar uma relação para além da identificação imaginária³ com o meu semelhante, embora compartilhe comigo uma vasta gama de emoções humanas. Uma vez que meu semelhante fala, ou seja, que é também submetido aos efeitos da linguagem enquanto tal, guarda seu lado opaco, uma dimensão de alteridade, para mim de todo incompreensível.

Ou seja, para além do que posso vislumbrar de mim no espelho que meu semelhante me oferece, há uma dimensão de não sentido que, ao me escapar, me convoca para funcionar numa ordem para além da do imaginário, qual seja, no registro do simbólico.

Estou partindo do pressuposto de que uma pertença produtiva em um grupo faz-se justamente pela característica de que, para cada um dos sujeitos envolvidos, ele seja um lugar onde cada sujeito possa sentir-se sustentado por um certo laço que permite que, para além do estudo passivo de determinada área, ele se arrisque numa produção. Conseqüentemente, uma inclusão profícua num grupo se faz numa certa oscilação temporal na qual se alternam a escuta atenta de um outro, o parceiro no processo de produção e a produção de novas palavras. Pretendo aqui, portanto, advogar pela inserção num grupo como condição necessária para o sucesso de um percurso de formação do professor pesquisador.

DO GRUPO COMO LUGAR PARA TRABALHAR

É na direção da vigência de um trabalho que suporta e sustenta a existência da diferença absoluta, da singularidade, que estou propondo um certo deslocamento sutil, mas, nem por isso, menos potente: não é exatamente a questão da formação de grupos em si o que é importante, mas que os sujeitos se articulem na vigência de um laço social.⁴

³ Ler a expressão *identificação imaginária* em sentido aproximado do de *identificação histórica* tal qual é trabalhado por Lacan (1961-1962) na retomada que faz dos três tipos de identificação descritos por Freud no capítulo VII de *Psicologia das massas e análise do ego*, a saber:

1. **identificação narcísica:** identificação que faz referência à incorporação necessária que o sujeito faz do pai da pré-história. No dizer de Lacan, é desse processo que se instaura o campo da metáfora, que possibilita o desejo;
2. **identificação formadora do ideal do ego:** identificação através da qual o sujeito toma emprestado o traço unário daqueles que foram os objetos libidinais de sua história edípica. Lacan toma esta identificação como referência primeira para trabalhar os mecanismos da identificação em sua relação fundamental com o significante. Responde pela seguinte condição necessária para o exercício do desejo: “*de onde desejar?*”; e
3. **identificação histórica:** identificação que toma uma pessoa, percebida pelo sujeito como desejante, como modelo. Lacan confere a esta identificação um papel estruturante na formação do sujeito e na fantasia que o sustenta como desejante, pois sua função é a de reintroduzir como falta o objeto perdido da segunda identificação. Responde pela seguinte condição necessária para o exercício do desejo: “*o que desejar?*”.

⁴ Cf. Riolfi (1999) para tratamento mais detalhado sobre o laço social na Psicanálise. Lá, retomando a elaboração de Lacan (principalmente 1969-70 e 1972-73) desenvolvo o conceito de laço social como sendo um certo modo de se relacionar que pressupõe que a barreira do discurso comum, no qual se fala para dizer nada, tenha sido rompida. Ou seja: fazer laço social implica que cada qual esteja menos comprometido com sua imagem social e mais com o valor de verdade de sua palavra. Na vigência de um laço e, mais ainda, na

Ou seja: estou alinhando os possíveis benefícios da formação de grupos não meramente com a decisão das pessoas de realizarem um trabalho conjunto, mas, sim, com a instauração de um determinado tipo de laço que permita a um trabalho de ser levado à série, ter, efetivamente, a potência de ser formativo. Este ponto - compreender o ato de formação como uma instauração de uma linhagem, na qual as diversas gerações sucedam-se na sua devida especificidade, isto é, permitindo-se portar as marcas históricas que conformam a gênese de seu pensamento - é, de fato, o ponto fundamental de minha argumentação a favor de um tipo de laço específico: uma coisa é me incluir num grupo para me proteger, outra coisa é me incluir nele para, num movimento indissociável, me formar enquanto o outro se forma, cada um no seu tempo.

Tentar teorizar sobre o laço social que pode vir a organizar o trabalho de um grupo, portanto, é ter que lidar com uma série de questões delicadas o suficiente para se constituírem, em si, num plano de trabalho: a relação entre os pares; a relação dos membros com a coordenação do grupo; a relação de cada um com a teoria e, principalmente, a relação de todos com a linguagem. Resumindo: no fundo, a posição que eu estou tentando defender é a de que teorizar sobre grupo é ter que pensar na qualidade da relação que se dá em seu interior, ou, falando a mesma coisa de outro modo, é pensar sobre o tipo de laço que aí se estabelece. Estou argumentando a favor do trabalho que se enodula pelo tipo de laço que possa incluir o não-todo, ou, para usar ainda um outro conceito da psicanálise, que se caracterize por poder dar lugar ao feminino.⁵

Num tipo de sociedade como a nossa, que tem horror ao feminino e se esforça para que ele não apareça, fingindo, por exemplo, que as diferenças sexuais são meras questões de gênero, esforçar-se por circunscrever melhor o deslocamento que estou propondo é - de saída - caminhar na contra-mão. Posição delicada a minha, portanto: *com-par-trilhar* um certo caminho que eu estou percorrendo, ao mesmo tempo tornando-o inteligível aos pares e aceitando que o outro possa não achar a mínima graça no que estou propondo. Não porque ele não gosta de mim, mas, apenas, porque é outro: pode estar fazendo série em outra parte diferente daquela que escolhi habitar.

Das múltiplas facetas que aponteí acima, quero priorizar agora a relação do sujeito com a linguagem que é o que dá o tom para todas as outras que mencionei. O importante é saber que optar por um tipo de laço no qual o feminino possa abrir o marasmo da mesmice e convocar um outro tipo de formação, a que pretenda fazer série, implica, antes de tudo, que tenhamos coragem de abrir mão do cômodo escudo que o sentido pré-estabelecido das palavras nos fornece em seu uso corriqueiro, o da linguagem usada, por exemplo, para comprar carne no açougue, e caminhar pelo terreno pantanoso no qual se reconhece que um determinado significante pode sempre ser usado

vigência de alguns tipos de laço, deixa-se de lado o medo de dizer besteiras para substituí-lo por um amor ao que se pode colher da boca daquele que não sabe. É importante marcar, portanto, que laço social é uma expressão a ser tomada como sinônima de discurso, entendido como a tessitura que organiza, através de um pacto, os diversos pares numa relação de trabalho, de produção do novo.

⁵ Não confundir o conceito de feminino com a acepção do senso comum: coisa de mulher. Não se trata aí de uma questão do sexo biológico, muito menos da opção da prática sexual de cada um, mas, acima de tudo, de uma certa posição do sujeito que se permite uma relação não tão colada com a linguagem comum. Caminhar pelo lado do feminino é assumir que, quando se trata de palavras, uma vez que o sentido sempre pode ser outro, ou, mesmo, que pode não haver sentido, é necessário, antes de tudo, desconfiar.

para dizer outra coisa. No fundo, tal idéia implica o reconhecimento de que há diferença mesmo naquilo que, aparentemente, é idêntico.

Lacan⁶ trabalha a diferença no idêntico através do enunciado: “Meu avô é meu avô”. Penso que o leitor julgará tal frase, que apenas superficialmente é uma tautologia, perfeitamente aceitável no discurso comum quando dita, por exemplo, por um sujeito que responde porque não replicou com um insulto uma grosseria escutada do avô. Ou seja, o primeiro *meu avô* confunde-se com seu nome próprio, enquanto o segundo *meu avô* é uma referência às estruturas de parentesco. Neste caso, a questão contida no texto do filósofo se inverte, pois, apesar desta fórmula expressar uma igualdade, não expressa o princípio de identidade. Lacan diz, portanto, que - para além de sua sonoridade - o primeiro *avô* não é idêntico ao segundo, pois há entre eles um traço diferencial.

No caso específico de “Meu avô é meu avô”, o primeiro *avô* da frase poderia ser meramente referencial (aquele senhor que me insultou) enquanto o segundo estaria apontando para o seu lugar na linhagem genealógica (aquele senhor a quem devo respeito, portanto, não posso insultar). São a mesma palavra, por assim dizer, mas o traço é distinto em cada um dos casos.

Neste momento, é preciso ressaltar que o exemplo escolhido para iniciar este texto se deu porque ele ilustra uma inclusão em um grupo no qual o membro incluído não o foi em razão da semelhança de sua imagem com os demais. Ao contrário, ela se originou de outra ordem, de um outro traço, tomado como algo que sustenta uma diferença. O que eu quis dar a ver pelo recurso de sua exposição foi o fato de que inserir o exemplo usado por Lacan na questão da formação de grupos exige, ainda, uma outra passagem: que possamos perceber que cada um dos membros do grupo tem o mesmo estatuto que cada um dos *avô* da frase: embora aparentemente iguais, assentamos nossa subjetividade em traços distintos.

Quer dizer, uma coisa é associarmos-nos para que nos iludamos com o fato de que, na qualidade de pessoas (ou de mulheres, professoras, mães, ou qualquer outro predicativo que se aplique a vários de nós) a gente seja idêntica, outra é entendermos que, para além dos significantes que nos predicam, sofremos a ação do tempo, da história, de todo tipo de contingências.

As contingências, quando incluídas, marcam a nossa fala, fazem com que um significante, ao ser pronunciado pela boca de alguém, não seja o mesmo que quando pronunciado por qualquer outro: não é só a história e tempo da língua que contam, mas, também, a posição atual do sujeito falante, isto é, seu estilo.

⁶ Cf., em especial, a lição de 6 de dezembro de 1961 do *Seminário* do ano escolar 1961-1962. Nela, o autor defende a posição segundo a qual abordar a questão da diferença implica em deslocar a reflexão da mediação pela imagem (campo do objeto) para a mediação pelo significante (campo da linguagem). De acordo com ele, é neste último que se coloca a impossibilidade de relação de identidade quando o que está em jogo são os significantes. Para tratar deste assunto, retoma um artigo de Heidegger, no qual este filósofo estabelece uma diferença entre *identidade* e *igualdade*. O exemplo retomado é a fórmula “A é A”, a qual não é uma indicação de igualdade, apesar de expressar o princípio de identidade.

Cf., ainda, o interessante trabalho de Souza (1994).

CONCLUINDO PELA INCLUSÃO DO ESTILO⁷ COMO MARCA DA DIFERENÇA NO INTERIOR DO GRUPO

No presente texto, argumentei pela necessidade de uma pertença produtiva em determinado grupo para haver produção individual. Defendi a necessidade, para um sujeito singular, da articulação com seus pares por meio de um laço social enodado de forma a assegurar uma produção para além da reprodução sistemática. Apontei que a característica principal de tal laço era sua potência para levar o trabalho individual à série, isto é, ter seguimento, ser formativo.

Para tanto, mostrei, através de um exemplo colhido em minha prática de formadora de professores, ser necessário para quem se responsabiliza pela formação poder acolher as manifestações do campo do não-senso, que, por meio desta acolhida, permitem ao sujeito um processo de ressignificação.

Tentei argumentar a favor da idéia segundo a qual ressignificar implica sempre uma passagem, um certo ritual de inclusão em um outro laço, num outro grupo além daqueles pelos quais o sujeito já circulava. É importante marcar que tal necessidade advém da possibilidade de relance de suas questões, de um novo posicionamento do sujeito na tessitura do laço social.

Por sua vez, tal passagem pede que, por parte de um grupo, haja aceitação do novo membro, não pelas insígnias que sua representação social poderia lhe conferir⁸, mas, ao contrário disto, em seu nome próprio, portanto, conseqüentemente, as marcas de sua diferença, daquilo que, de único, pôde construir no desenrolar da história de sua vida.

Estou pressupondo, portanto - e talvez tal idéia não tenha sido suficientemente articulada até o presente momento do texto -, que é a inclusão efetiva de uma história (de um percurso subjetivo) o que pode quebrar a dimensão do conceito, do signo lingüístico, abrindo uma brecha para que o sujeito saia da posição de assujeitado numa posição reprodutiva e abra(se) para o que lhe é único.⁹

Retomar o exemplo com o qual abro o texto talvez possa ajudar a tornar esta posição mais transmissível. O que tentei dar a ver especificamente é que na ocorrência de uma passagem deste tipo, através da qual um novo membro é acolhido em sua singularidade, acolhida esta que reconfigura e reconstitui o grupo, há erosão de um conceito, no caso específico, o conceito de professora. É por causa dessa erosão, através da qual um certo termo que predica o sujeito que é admitido no grupo é desestabilizado, que o tecido da linguagem abre para uma outra coisa, para uma valorização da singularidade, que nunca pode ser abarcada de todo pela linguagem.

O que penso ser mais importante nisto para a questão da formação de grupos é que a ressignificação é um processo que ocorre sempre em parceria, uma vez que se trata de

⁷ Cf. Riolfi (2000) para uma exemplificação sobre a questão do estilo na construção de um percurso de formação do professor-pesquisador.

⁸ Por exemplo, a dimensão de *status*, conhecimento ou autoridade que o título *Professora da Federal* poderia "colar" em uma mulher, fornecendo-lhe um anteparo que a protegeria de ser vista em sua configuração única.

⁹ Não sou partidária, entretanto, da posição segundo a qual tal ruptura poder-se-ia fazer por meio da crítica consciente. A argumentação que venho aqui desenvolvendo aproxima-se mais da posição defendida por Larrosa (2000) em sua poética defesa pelo *amor ao corpo das palavras*, nome escolhido por ele para nomear a dimensão de não-sentido que as habita.

um certo registro da experiência que é dependente da existência de um laço social. É a instauração de um laço social aquilo que, por sua vez, subverte o discurso comum, desalojando a aparente identidade entre os significantes ou, especialmente, fazendo ver ser ilusória a “cola” entre os sujeitos. Acima de tudo, portanto, um grupo produtivo não é exatamente um lugar no qual se digam coisas importantes/relevantes, mas, sim, aquele no qual - de dentro do que pôde construir de próprio - o sujeito possa dizer.

Isso porque é a tentativa de me aproximar do grupo aquilo que me obriga a encontrar modos mais acurados de dizer sobre aquilo que eu estou trabalhando. Dizer da minha questão para os que não me conhecem, mas me importam, eis aí um bom motivo para tentar escrever cada vez melhor. Dizer isto é admitir, de algum modo, que para a produção é necessária uma demora, durante a qual, pela maximização das diferenças, cada um constrói seu modo de bem-dizer.¹⁰

No amor à diferença que trago no título do trabalho, não se trata do amor a uma ou outra pessoa (ao diferente), mas do amor a um certo modo de dizer no grupo: aquele que reconhece que, toda vez que eu abro a boca, o outro pode escutar algo que eu não planejei dizer.

Isto porque, quando se trata de linguagem, as palavras sempre podem ser usadas para dizer outra coisa, ou ainda, as palavras podem nos usar para desvelar o não sentido que habita cada um, não sentido este que, pela surpresa que nos causa, demanda produção, ressignificação de algo em nossa história.

Dizendo de outro modo, é a tentativa de pertença a um grupo, desde que eu reconheça que o outro é diferente de mim, que me obriga a abandonar o modo de fazer que é a tendência a ser sempre combatida pelo humano: reprodutivo, estancado, e, ao constatar o vazio trazido por este abandono, a construir um estilo próprio, encontrar novos modos de dizer e fazer, que, no fundo, para além da mera possibilidade de uma produção acadêmica, alteram a relação do sujeito com a linguagem, com o tempo e com a história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

JULIEN, P. (1996). *O estranho gozo do próximo* : ética e psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

LACAN, J. (1961-1962)- *Séminaire. L'Identification*. Association freudienne internationale. Publication hors commerce. Paris.

_____. (1969-70). *Le Séminaire de Jacques Lacan. Livre XVII. L'envers de la psychanalyse*. Paris: Éditions du Seuil, 1991.

_____. (1969-70). *O Seminário. Livro 17. O avesso da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

_____. (1972-73). *Le Séminaire de Jacques Lacan. Livre XX. Encore*. Paris: Éditions du Seuil, 1975.

_____. (1972-73). *O Seminário. Livro 20 Mais. Ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1982.

LARROSA, J. Erótica e Hermenêutica, ou, a arte de amar o corpo das palavras. (tradução de Claudia Rosa Riolfi) In: BARZOTTO, V. H & RIOLFI, C. R (orgs). *Revista Nexos*. Estudos em Comunicação e Educação. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi. 2000. (no prelo)

¹⁰ Cf. Julien (1996) para uma abordagem detalhada sobre a necessidade da demora na construção de um estilo.

- RIOLFI, C. R. (1999). *O Discurso que sustenta a prática pedagógica*. Formação de professor de língua materna. Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas. Unicamp. Tese de doutorado.
- _____. (2000). A singularidade da pesquisa universitária em letra(s): questão e transmissão. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Universidade Estadual de Campinas. n. 38. Jan./Jun. pp. 85-99.
- SOUZA, O. (1994). As identidades e as identificações. In: *Fantasia de Brasil*. As identificações na busca da identidade nacional. São Paulo: Editora Escuta, Anexo.
- ULLMAN, S. (1964). Nomes Próprios In: *Semântica*. Uma introdução à ciência do significado. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.